

## Tessituras de sombras no olhar materno no conto “Mirtes Aparecida da Luz”, de Conceição Evaristo

### *The weaving of shadows in the maternal gaze in the short story "Mirtes Aparecida da Luz", by Conceição Evaristo*

Patrícia Pinheiro-Menegon<sup>1</sup>

Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega<sup>2</sup>

**Resumo:** Analisando a importância da literatura no âmbito da formação educacional como elemento indispensável à ‘humanização do ser’ Cândido (2011), vê-se que ela não se restringe exclusivamente ao componente curricular, mas, sobretudo no que diz respeito à plurissignificação e possibilidade de criar representações, dentre as quais está a representação da mulher. Assim, objetivamente, pretendemos, a partir dessa temática, evidenciar o lugar da personagem negra presente no texto literário. Esta pesquisa classifica-se, segundo sua finalidade, como teórico-bibliográfica, utilizando como metodologia uma análise-explicativa, tendo como *corpus* literário o conto “Mirtes Aparecida da Luz”, inserido na obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2020), da escritora Conceição Evaristo. O aporte teórico constitui-se das discussões da crítica feminista em Showalter (1978; 1981), quanto à participação da mulher na literatura, considerando a literatura de autoria feminina como um lugar de pertencimento e expressão intelectual da mulher escritora, pressupostos teóricos de Badinter (1985; 2011) e Perrot (2003), Hollanda (1994; 2019). Os resultados iniciais indicam a necessidade de repensar valores referentes às mulheres que compõem a sociedade contemporânea, sobretudo no sentido de dar visibilidade à construção da mulher negra, vulnerável à violência social e silenciamento.

**Palavras-chave:** Literatura Afro-brasileira Contemporânea; Autoria Feminina; Representação da Mulher Negra; Conceição Evaristo.

**Abstract:** Analyzing the importance of literature in the educational training as an indispensable element to the 'humanization of the being' Candido (2011), it is seen that it is not restricted exclusively to the curricular component, but especially with regard to the plurissignification and possibility of creating representations, among which is the representation of women. Then, objectively, we intend, based on this theme, to evidence the place of the black character present in the literary text. This research is classified, according to its purpose, as theoretical and bibliographical, using as methodology an explanatory-analysis, having as literary corpus the short story "Mirtes Aparecida da Luz", included in the work *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2020), by the writer Conceição Evaristo. The theoretical contribution is constituted by the discussions of feminist criticism in Showalter (1978; 1981), regarding the participation of women in literature, considering the literature of female authorship as a place of belonging and intellectual expression of women writers, theoretical assumptions of Badinter (1985; 2011) and Perrot (2003), Hollanda (1994; 2019). The initial results indicate the need to rethink values regarding women that make up contemporary society, especially in the sense of giving visibility to the construction of the black woman, vulnerable to social violence and silencing.

**Keywords:** Contemporary Afro-Brazilian Literature; Female Authorship; Representation of Black Women; Conceição Evaristo.

---

1 Professora Assistente da Universidade Federal do Maranhão no Curso de Letras Português-Inglês e Letras-Libras. Doutoranda em Linguagem e Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino/PPGLE da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); e-mail: patriciamenegon21@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9644-2801>

2 Professora da Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (PPGLE-UFCG). Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP. e-mail: martanobregaufcg@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0985-6484>

## Introdução

Historicamente, no Brasil, foi em meados do século XX que se compreendeu a importância de pesquisar temas sobre a África como ponto de partida para o autorreconhecimento da identidade negra e também de uma mobilização antirracista. Ainda que restrita às regiões mais desenvolvidas do país, houve um crescente movimento para a valorização dos descendentes de escravos e a sua cultura.

A exemplo desse novo paradigma, em 1944, Abdias do Nascimento fundou o Teatro Experimental do Negro que tinha como objetivo principal denunciar e combater o racismo na esfera artística, formando dramaturgos, diretores e atores negros. Esse Teatro oferecia cursos de alfabetização e cultura geral para os seus integrantes e também para operários ou mesmo indivíduos desempregados que o procuravam.

Com isso, buscava-se a representação da realidade étnica e a identidade cultural brasileira, mostrando à classe artística e à sociedade em geral o sentido da diáspora africana em seu processo de construção de novas identidades além das fronteiras geográficas.

Essa foi uma das mais visíveis amostras de força e organização de um movimento negro no setor artístico para a mudança do percurso de sua história. Observou-se que, o teatro passou a se preocupar em usar o palco como aparelho de transformação da sociedade. Para Santos (2007, p.89) “tratava-se de uma ação de ‘reescrever o mundo’ reflexiva e criticamente, questionando a dominação social e racial a que estavam submetidos”.

Assim, os temas envolvendo a discriminação racial, principalmente na esfera da educação, foram incluídos na pauta da agenda nacional, favorecendo a criação e a implantação das atuais leis e modificando decisivamente o posicionamento do Governo Federal em relação à promoção da cultura africana e afro-brasileira no cenário nacional. De tal modo, a partir da implantação da Lei 10639/2003, ficou estabelecido o estudo da História e da cultura afro-brasileira e africana nos currículos de Educação Básica tal como se expressa hoje.

Nessa perspectiva, o Brasil apresenta-se sob várias nuances, uma cultura afro-brasileira que compõe as raízes históricas da identidade macronacional e que não pode ser suprimida ou apartada do sistema educacional. Pois, resgatar tal cultura implica valorizar e enriquecer o patrimônio cultural brasileiro, promovendo aos aprendizes a adequada construção coletiva de uma identidade nacional pautada no senso crítico da história e dos aspectos que promoveram suas características essenciais.

Com base nessas questões de resgate e valorização dessa cultura que não deve se apartar do sistema educacional, recorremos a Santos (2007, p. 82), que traz uma reflexão acerca das práticas sociais de leitura literária como fonte de conhecimento e formação, e que, para isso ocorra “requer considerar a necessidade de articular o uso de diferentes tipos dos textos com temáticas em torno de aspectos comuns à vida dos educandos”.

Esse pensamento se coaduna ao de Cândido (2011), em seu texto “Direito à Literatura”, que está na 2ª parte da obra *Vários Escritos*, quando afirma que “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável”. [...] (CÂNDIDO, 2011, p.171). Assim, a importância da literatura se dá como um direito indispensável no que tange à ‘humanização do ser’.

Sob esse prisma, refletir sobre essa temática – leitura/literatura – é bastante relevante em nossos dias pois, por meio da leitura, sobretudo a leitura literária, torna-se possível ‘publicizar’ questões que estão muito latentes em nosso meio social, como por exemplo o racismo estrutural que a cada momento se faz ainda mais presente em vários âmbitos da sociedade, principalmente em relação àqueles que até então, são classificados como pertencentes à uma minoria, marcada por profundas desigualdades. Daí a importância da literatura, servir como um “instrumento’ de denúncia, combate, mas sobretudo de reflexão.

Cabendo, portanto, a nós, enquanto mediadores na área da educação, promover reflexões a partir desse tipo de temática, no intuito de proporcionar uma formação para o aluno/leitor que o torne capaz de questionar as mazelas à sua volta e sobretudo, desenvolver uma consciência crítica acerca de diversos problemas, entre os quais destacamos o racismo e também quanto à representação da mulher no contexto social contemporâneo de produção literária afro-brasileira.

### **Fases da tradição literária de autoria feminina, segundo Showalter: feminina (1840-1880) feminista (1880-1920) e fêmea (1920-até hoje)**

A ensaísta norte-americana, Elaine Showalter (1986), conseguiu realizar um amplo e profundo estudo sobre a produção literária de escritoras inglesas entre os anos de 1840 até cerca do ano de 1960 e chegou à conclusão que todas as ditas ‘subculturas’ literárias passaram por três importantes fases.

A primeira é chamada de fase feminina (*feminine*), é aquela em que as escritoras competem com os valores dominantes patriarcais vigentes na época. É a fase de “imitação e internalização dos valores e padrões vigentes” (SHOWALTER, 1986, p. 330).

Essa fase teve início com a publicação da obra de Maria Firmina dos Reis, *Úrsula* (1859), considerado um dos primeiros romances brasileira de autoria feminina. Cabe ressaltar que nesta primeira fase há uma reprodução dos valores patriarcais vigentes em que a mulher é servil e submissa aos homens. Cabendo apenas a eles o lugar principal e, sobretudo o protagonismo das ações.

A segunda, feminista (*feminist*), é a fase de aversão, de irromper e denunciar os padrões de dominação patriarcal impostos por meio da crítica social e em defesa dos direitos das minorias e sobretudo do valor das mulheres. É a fase de “protesto contra os valores e padrões vigentes: defesa dos direitos e dos valores da minoria” (SHOWALTER, 1986, p. 330).

A terceira fase, chamada fêmea ou “da mulher” (*female*), é a fase caracterizada pela “autodescoberta e pela busca da identidade própria” (SHOWALTER, 1986, p. 330). É a fase em que as mulheres produzem uma literatura autenticamente feminina, sua própria literatura, sem angústias, limitações ou imposições.

### **Contexto de produção literária afro-brasileira**

Buscando confirmar essa acepção, vemos que, recentes pesquisas apontam para uma mudança quanto à visibilidade da literatura escrita por mulheres, ocorrendo uma significativa representação do gênero a partir da década de 1970. Podemos citar como exemplo a história da Academia Brasileira de Letras, entidade fundada em 1897, que, segundo Zinani (2012), se “conservou resistente à presença feminina até 1976, ano em que o Regimento Interno, – que recomendava a eleição apenas aos brasileiros do sexo masculino, – foi alterado, garantindo às mulheres a possibilidade de candidatura”.

Assim, no ano de 1977, a Academia Brasileira de Letras, criada e constituída exclusivamente por homens, teve Rachel de Queiroz, como a primeira mulher eleita, que, apesar de “excluídas dos jogos do poder, elas [as mulheres] são preparadas para deles participar por intermédio dos homens, que nele estão envolvidos” (BOURDIEU, 2003, p.97).

Nessa perspectiva, é importante lembrar que, partir da década de 70 houve a propagação da literatura negra, com produções não somente de homens, mas, também de mulheres, envolvidas com as causas da negritude.

Sendo assim, objetivando, a sua autorrepresentação e com o intuito de “quebrar” alguns estereótipos e/ou imagens negativas, as mulheres negras inseridas nesse contexto, se uniram a movimentos literários e, começaram a expressar seus próprios anseios, suas dores, lutas, histórias, memórias, ou seja, suas “escrevivências”<sup>3</sup>.

Dessa forma, gradativamente, essas mulheres, foram ocupando seu espaço e conseqüentemente puderam ter mais visibilidade a partir de suas conquistas e também romperem com alguns estereótipos literários relacionados a elas e que estavam atrelados à uma “tradição” da literatura em nosso país.

Assim, quando se reflete sobre um contexto geral da literatura brasileira e da presença das mulheres nesse espaço, não somente como escritoras, mas, sobretudo como protagonistas, entende-se, o que diz Schmidt e Navarro (2007):

a cultura literária constitui parte integrante do campo cultural e seu desenvolvimento foi, até há pouco tempo, regulado e controlado ideologicamente pela hegemonia patriarcal e seus pressupostos sobre diferenças assimétricas e hierárquicas de gênero, o que significa dizer que as mulheres que atuaram, no passado, no campo das letras, ficaram à margem da literatura, esquecidas e silenciadas nas histórias literárias. Nesse sentido, uma visada crítica às culturas literárias nacionais ilumina as conexões entre cultura e poder, entre instituição intelectual e dominação, entre privilégio e exclusão. (SCHMIDT; NAVARRO, 2007, p. 85).

Segundo as autoras, percebemos que, havia até recentemente, no contexto literário negro ou afro-brasileiro, o predomínio de uma produção masculina. Dessa forma, a essa mulher negra coube, na época, o silenciamento ou mesmo o esquecimento.

Embasada nisso, torna-se necessário reposicionar os pontos de vista para trazer à tona outras interpretações da realidade. Pois, apesar dessas mulheres serem historicamente silenciadas e/ou esquecidas, vemos o quanto elas têm sido importantes para ressignificar esse contexto de produção literária de autoria feminina.

---

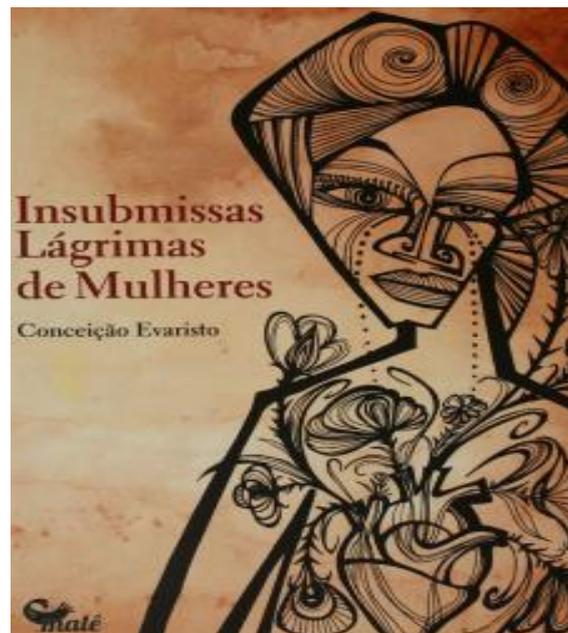
<sup>3</sup> Escrevivência é um termo criado pela própria Conceição Evaristo, a partir da ideia da escritora de que os escritores/as negros/as escrevem com base em suas leituras de mundo, não somente como um “simples fazer literário” que parte da motivação poética, mas, também como um caráter político desta. A palavra escrevivência surgiu na Conferência de Escritoras Brasileiras, em Nova York, em 16 de outubro de 2009, no discurso da autora: “A nossa 'escrevivência' não pode ser lida como história para ninar os da Casa Grande e sim para acordá-los de seus sonos injustos”.

Essas discussões acabam reforçando muitas vezes, inclusive, as ideias de Duarte (2018), quando traz à reflexão a escrita de autoria feminina de Conceição Evaristo,

Evaristo pode ser vista como esse tipo de escritora que, ao registrar histórias comumente esquecidas pela literatura canônica, escreve como um ato de luta, recusando o silêncio e confrontando a cultura dominante que minimiza as diversas formas de violência sofridas por mulheres, principalmente afro-brasileiras. (DUARTE, 2018, p.161)

Ao assimilar esse excerto à obra de Conceição Evaristo, é latente o significado que a força da sua escrita representa aos leitores, sobretudo às mulheres. É como um ‘ato de luta’, um ato de resistência. Onde a escritora consegue dar voz àquelas mulheres que foram comumente silenciadas. Para que essas mesmas mulheres – quer sejam negras ou não – consigam verbalizar suas angústias e temores. E, assim, evidenciem as repressões sofridas constantemente e continuamente perpetuadas em nome de uma condição de gênero ou classe social.

Figura 1. Capa do livro - 1ª edição



Fonte: <https://www.editoramale.com.br/>

## Tessituras de sombras no olhar materno: uma reflexão do conto “Mirtes Aparecida da Luz”

Assim, para buscar a confirmação desse mote, no que tange à produção literária de autoria feminina, recorreremos ao livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2020), de Conceição Evaristo. Um livro de contos inspirado em entrevistas que a Evaristo fez com mulheres negras, onde a autora deixa fluir a sua “escrevivência” apontando como essas mulheres conseguiram criar alternativas para superar muito dos seus sofrimentos cotidianos.

Logo no início na apresentação da obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, há a uma consideração bastante pertinente feita pela própria autora sobretudo no que diz respeito à sua escrevivência:

Gosto muito de ouvir, mas não sei se sou hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. (...) afirmo que, ao registrar estas histórias continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência. (EVARISTO, 2020, p. 7).

Nessa apresentação percebemos claramente uma descrição acerca da maneira criativa com que a escrita de Conceição Evaristo se institui no livro. São relatos de histórias ‘duras’ muito reais e cheias de sofrimentos contínuos. Todavia quando essas histórias são contadas, elas advêm a partir de um processo criativo de invenção da autora, e que se transformam em uma ficção ‘poética’.

Entre os contos que compõem a obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2020), de Conceição Evaristo, está o conto “Mirtes Aparecida da Luz”, que tem como temática principal as expectativas que vive uma mãe à espera da sua primeira filha. Assim, apesar da narradora-personagem possuir baixa visão, isso não se torna tão (!) relevante na trama, pois a autora busca dar relevo ao fato de a protagonista estar se tornando mãe.

Sendo assim, buscamos refletir aqui sobre a maternidade de Mirtes da Luz como sendo um dos principais pontos desta narrativa. E, partindo das ideias de Badinter (1985):

Não pode então fugir à conclusão de que o amor materno é apenas um sentimento humano como outro qualquer e como tal incerto, frágil e imperfeito. Pode existir ou não, pode aparecer e desaparecer, mostrar-se forte ou frágil, preferir um filho ou ser de todos. Contrariando a crença generalizada em nossos dias, ele não está profundamente inscrito na natureza feminina. Observando-se a evolução das atitudes maternas, verifica-se que o interesse e a dedicação à criança não existiram em todas as épocas e em todos os meios sociais. As diferentes maneiras de expressar o amor vão do mais ao menos, passando pelo nada, ou quase nada. (BADINTER, 1985, p.3)

Nessa perspectiva, as ideias de Badinter (1985), buscam ressaltar a perspectiva ‘de que o amor materno é apenas mais um sentimento humano como um outro qualquer’. Sendo, portanto, passível às mesmas incertezas, fragilidades ou imperfeições. E, ao contrário daquilo que se perpetua, historicamente, no imaginário ou senso comum, bem como na retórica passional do nosso discurso cultural, a maternidade não é algo que faz parte do ‘ser mulher’ ou mesmo de sua natureza feminina, de acordo com a autora acima citada.

Assim, é necessário reposicionar algumas óticas para trazer à tona outras interpretações a partir de realidade diversas onde podemos evidenciar a diferente maneira de expressar o amor materno como por exemplo, no conto “Mirtes Aparecida da Luz”, em que uma mãe, – Mirtes Aparecida da Luz, – narra a alegre e agradável experiência do nascimento da filha, Gaia Luz, e o abandono pelo companheiro. Diante da necessidade dessa ponderação, essa mudança – do pai – deixa algumas perguntas no porquê dessa escolha:

Talvez, meu companheiro tenha sido vítima de uma angustiante imaginação. Enquanto eu aguardava pela criança engravidada pela alegria de estar me tornando mãe, ele não. Um confuso e angustiante sentimento de paternidade de um filho, que ele não sabia como poderia ser, estaria sendo vivido por ele. Durante nove meses, desde o momento em que nos percebemos grávidos, ainda no primeiro mês, de companheiro, talvez desenhasse, na amedrontada imaginação, uma criança que poderíamos ter. Aparentemente tranquilo, entretanto era visível a interrogação dele. Como seria a nossa criança? O que ela herdaria da mãe? (EVARISTO, 2020, p.83)

De acordo com o excerto acima vemos que, desde o primeiro mês da gestação de sua filha, Gaia Luz, Mirtes já sofria por perceber que a sua alegria pela maternidade não era semelhante à do pai da criança.

Interessante é que esse excerto nos permite pelo menos duas reflexões: uma de natureza interior, que remete ao fato de Mirtes estar em estado de graça por se tornar mãe e a outra de natureza exterior pelo fato do pai da criança e companheiro de Mirtes demonstrar um angustiante e confuso sentimento de paternidade.

No primeiro aspecto, a personagem-narradora busca, durante os nove meses de gestação, conviver com o seu companheiro dentro de uma aura de harmonia e expectativa positiva quanto à chegada de um filho.

Todavia, no aspecto de natureza exterior Mirtes se vê um tanto (!) atordoada por perceber em seu companheiro uma grande incerteza e, principalmente ‘amedrontada imaginação’ em pensar como seria aquela criança e o que ela poderia herdar da mãe.

Várias vezes, desde o nosso namoro, eu havia explicado para ele o porquê da visão tateada em mim. Uma doença que minha mãe pegara no princípio da gravidez e daí um feto atingido, mas que se desenvolveu para a vida. Tenho, no meu corpo, a minha completude que é diferente da sua. Um corpo não é só os olhos. (EVARISTO, 2020, p.84)

Nesse sentido, entendemos que, é preciso considerar esse turbilhão de sentimentos que se mostra durante toda a narrativa como sendo legítimo, tanto dentro de uma natureza interior, quanto exterior. Isto é, ambos, pai e mãe vivem, nesse tempo de espera, expectativas diversas, algumas positivas outras negativas.

Ele, por exemplo, se mostra angustiado/temeroso, pois, “era possível apreender seus gestos trêmulos e seu ar temeroso” (EVARISTO, 2020, p.84). Ela, entretanto, apesar da baixa visão, Mirtes nunca se coloca como uma pessoa incapaz ou limitada, como podemos confirmar no excerto acima. Pelo contrário, ela admite somente ser diferente dos demais quando deixa claro em seu relato que “um corpo não é só olhos” (EVARISTO, 2020, p.84). E, mais, a Mirtes ressalta que tem em seu corpo a sua ‘completude’.

Isso nos leva a considerar que, noções de companheirismo no âmbito da maternidade é algo relevante em parte, pois, apesar de sua visível ‘limitação’, Mirtes não demonstrou fraqueza nem mesmo insegurança, amargura ou rancor em relação àquele seu companheiro e pai de sua única filha que,

se deixou molhar pela água amniótica que de mim descia, ao me amparar nos braços, a caminho do hospital, com a menina já prestes ao nascer. E, a partir daí não sei mais o que aconteceu ao meu redor. (EVARISTO, 2020, p.84).

Assim, é nessa perspectiva que emerge a ideia que, dentro de uma circunstância de concentração para o parto, Mirtes nem consegue perceber que o pai da sua filha se retirava. E, no relato ela diz “não sei o porquê da renúncia dele e, continuar conosco. Não sei e nunca saberei. Não tenho respostas. Só perguntas” (EVARISTO, 2020, p.84).

Será que ao tentar adivinhar o rosto da criança que estava nascendo, uma perturbadora visão lhe turvou a coragem de continuar vivendo? O que levou meu companheiro a se matar, no momento exato dos primeiros gritos anunciadores da vida de Gaia Luz, a nossa filha? [...] Morreu sem conhecer o rosto e os olhos da filha. Por quê? Por quê?

Entendemos que, certamente ao pensar em sua vida composta por uma família em que mãe e filha têm baixa visão, o companheiro de Mirtes e pai de Gaia Luz ficou ainda mais perturbado e desistiu de pertencer à essa família e sobretudo desistiu de viver antes mesmo de ter a oportunidade de ver os ‘belos olhos acastanhados escuros do pai’ brincando no rosto de Gaia Luz.

### **Considerações Finais**

No conto “Mirtes Aparecida da Luz” analisado neste trabalho, fica uma reflexão quando sugere que as mulheres, quer sejam mães ou não, são vítimas em um mundo patriarcal onde, geralmente, os homens são o motivo pelos quais as mulheres sofrem, morrem ou são punidas.

Como por exemplo na narrativa abordada aqui – “Mirtes Aparecida da Luz” – em que tomamos conhecimento que Mirtes após dar à luz a sua filha, é abandonada pelo companheiro. Isso exemplifica a injustiça sofrida pelas mulheres. Por este prisma, a importância da mulher na sociedade patriarcal do século XXI, reflete um valor baseado em uma mulher cuja importância resida na semelhança aos papéis sociais dos homens. Pois, ao contrário, historicamente, era ele quem agia o tempo todo, enquanto a mulher devia apenas demonstrar passividade e submissão.

Sendo assim, o conto “Mirtes Aparecida da Luz”, que traz na temática principal a expectativa que vive uma mãe à espera da sua filha. Vemos ao longo do conto que, apesar das ações da mulher estarem relacionadas ao homem, seu companheiro, ela não se deixa consumir pelo abandono ou ‘punição’ por parte do pai de sua filha. De modo a ir na contra mão do discurso machista/patriarcal, Mirtes Aparecida da Luz se fortalece enquanto mulher sozinha e, dá continuidade a sua vida ao lado de sua filha, contradizendo tudo aquilo que foi imposto socialmente dentro de um discurso ‘equivocado’, de que a mulher é frágil e sem valor quando não tem um homem ao seu lado.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar que, na tessitura literária de seu livro, *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2020), Conceição Evaristo, uma das mais relevantes

escritoras afro-brasileiras da contemporaneidade, traz experiências legítimas representadas por meio de narrativas ficcionais que reflete o valor e força que tem a mulher descrita pela autora.

Assim, no conto “Mirtes Aparecida da Luz”, a autora Conceição Evaristo presenteia o seu público leitor com experiências que atravessam a memória e o imaginário do leitor-literário, sobretudo dessas mulheres negras – invisibilizadas – e, que nos permitem identificar uma única voz a repercutir em uma multiplicidade de corpos o que eles próprios são e carregam: as suas ‘escrevivências’.

## Referências

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CÂNDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

DUARTE, Lima Constância; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário; (org.). **Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. 2. ed. Belo Horizonte: Idea, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 4. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

SANTOS, Sales Augusto dos. **Movimentos negros, educação e ações afirmativas**. 2007. Dissertação de Mestrado – Departamento de Sociologia – Universidade de Brasília. Brasília (DF), 2007.

SHOWALTER, Elaine. A literature of their own. In: EAGLETOWN, M. **Feminist literary theory: a reader**. Cambridge, Mass Blackwell, 1986.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Crítica feminista: uma contribuição para a história da literatura**. In: **Seminário Internacional de História da Literatura**, 9. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.